



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PUC-SP

JULIA GOMES BIASON

MASCULINIDADE MISÓGINA NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE PODCASTS.

SÃO PAULO
2024

JULIA GOMES BIASON

MASCULINIDADE MISÓGINA NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE PODCASTS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO COMO
EXIGÊNCIA PARCIAL PARA A GRADUAÇÃO NO
CURSO DE PSICOLOGIA, SOB ORIENTAÇÃO DA
PROFA. DRA. MARIA CRISTINA PINTO GATTAI.

SÃO PAULO
2024

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, em primeiro lugar, eu agradeço por todo apoio e carinho durante toda minha vida. Obrigada por investirem tanto em mim!

Obrigada também ao meu amor, por me apoiar tanto e confiar em mim sempre.

Agradeço profundamente a minha psicóloga por me ajudar a encontrar a força determinação que já existiam dentro de mim.

Agradeço a todos meus professores que estiveram comigo me apoiando desde a pré-escola, até a faculdade.

Um agradecimento especial a minha orientadora de TCC, Cris, por ter acreditado e me ajudado muito em meu projeto.

BIASON, J. G. MASCULINIDADE MISÓGINA NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DE PODCASTS. São Paulo, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Psicologia. Faculdade de Ciências Humanas de Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Pinto Gattai

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar, a partir da análise de podcasts, a manifestação de masculinidade misógina na mídia digital. Os podcasts são veículos de comunicação importantes atualmente, devido a facilidade de acesso a ouvintes e produtores seu uso se disseminou no Brasil, principalmente no período de pandemia. Aproveitando dessa facilidade e se justificando pela liberdade de expressão, muitos grupos masculinistas têm se utilizado do veículo para propagação de misoginia e discursos de ódio. Esta pesquisa propõe descrever esses grupos e analisar o processo de identificação grupal a partir dos estudos de Maffesoli e a pesquisa documental de podcasts. Para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizou-se do método de análise de conteúdo de Bardin para identificar os temas latentes dos materiais coletados.

Palavras-chave: mídia; podcast; discurso de ódio; misoginia; masculinidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1. Masculinidade Hegemônica.....	6
1.1.1. Gênero	7
1.1.2. Poder.....	8
1.1.3. Movimentos de gênero	10
1.2. Aparato teórico Maffesoli	13
1.3. Mídia e podcast.....	15
2. MÉTODO.....	17
3. RESULTADOS.....	18
3.1 Episódio: “CLIMA FICOU TENSO! CONSERVADOR FAZ PERGUNTA DIFÍCIL A FEMINISTA”.....	18
3.2 Episódio “CONSERVAD0R X FEMINISTA SOBRE TR4NNS NOS ESPORTES!”	20
3.3 “REDFLAG! SE ELA TEM ISSO, FUJA ENQUANTO HÁ TEMPO”.....	21
3.4 Episódio “PENSAM QUE ACONTECE ISSO SÓ EM NOVELA! LUCIANA “DETETIVE PARTICULAR”	22
3.5 Episódio: “A GENTE SEGUIU ELE POR 10 DIAS! LUCIANA “DETETIVE PARTICULAR” REDCAST”	23
3.6 Episódio: “PABLO MARÇAL JANTOU JORNALISTAS PETISTAS DA UOL!”	24
3.7 Episódio: “QUEREM TE CASTRAR, E VOCÊ AINDA GOSTA”	25
3.8 Episódio: “O HOM3M PERDE A M#LH3R DE CAR4 QUANDO FAZ ISSO... AN4 OTAN1 REDCAST”	26
3.9 Episódio “A HONRADINHA TINHA UM SEGREDINHO SUJO... ”	27
3.10 Episódio: “SACANI ABRE O JOGO sobre DEBATE com SUPER XANDÃO”	28
4. CONCLUSÕES	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A mídia possui presença enfática na vida em sociedade. Além de vários veículos jornalísticos vincularem informações, tornou-se muito comum que, com a democratização da internet, grande parte da população tenha acesso a ferramentas e meios de produzirem conteúdos midiáticos. Apesar dos benefícios associados a essa democratização, há também situações nas quais informações são veiculadas de forma prejudicial para a sociedade.

Um dos embates, que desde o período pandêmico até os dias atuais tem sido discutido, é o de liberdade de expressão *versus* discurso de ódio. Com mais facilidade de acesso e publicação de conteúdo *online*, diversos grupos se utilizam do terreno digital que ainda não possui fiscalização e limitações claras pela lei brasileira para disseminarem conteúdos que promovem diversas formas de discriminação e violência. Esses grupos tentam se proteger das críticas e acusações legais declarando estarem exercendo seu direito de liberdade de expressão.

Este trabalho se debruça sobre o caso de grupos masculinistas que utilizam do formato dos *podcasts* para disseminar informações e opiniões, na maior parte das vezes, discriminativas sobre mulheres, pessoas LGBTQIAP+, pessoas negras e outros grupos que já são marginalizados socialmente.

Por meio da revisão da literatura sobre o fenômeno dos grupos masculinistas, e dos resultados da pesquisa que categorizou e analisou diferentes conteúdo de um podcast misógino, apresenta uma discussão sobre esse importante tema pela lente da teoria de “tribos” de Michel Maffesoli (2018).

1.1. Masculinidade Hegemônica

O termo “masculinidade hegemônica” surgiu em 1995 quando foi utilizado pela socióloga australiana Raewyn Connell (1995) em seu livro "Masculinities" para descrever a dominação ideológica masculina em uma sociedade. Além desse termo há outro que já foi muito utilizado que é o de “masculinidade tóxica”, mas que segundo Lima-Santos e Santos (2022), pela ampla popularização, acabou perdendo sua definição original.

Esses termos que descrevem uma masculinidade dominadora produtora de violência são importantes para compreender a dominação ideológica do gênero masculino, mais especificamente de homens cishetero brancos. Os homens que se encontram nessa classificação usufruem de um sistema estrutural que os privilegia de maneira, muitas vezes, cleptocrática. Historicamente esses sujeitos se colocaram em posições de poder por meio de mecanismos ideológicos que desfavorecem os outros grupos sociais com mais ou menos rigor dependendo do interesse socioeconômico estratégico.

1.1.1. Gênero

Historicamente, o conceito de gênero passou por diversas transformações em relação ao seu significado e as suas implicações. Já foi entendido, de maneira simplista, como as características sexuais dos indivíduos. No entanto, estudos mais avançados passaram a definir gênero como construção sócio-histórica, isto é, comprehende-se gênero como identidade que se define por processos sociais e históricos.

Um dos marcos para os estudos de gênero foi a publicação do livro “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir em maio de 1949. No livro, a autora discorre profundamente sobre o que significa ser mulher para a biologia, psicanálise e materialismo histórico apresentando que “Assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro.” (Beauvoir, 2016, p. 78). Dessa forma, é possível compreender que, o que define o gênero feminino, é a socialização que indivíduos compreendidos como mulheres recebem de estímulos para desenvolverem e aprimorarem características associadas à feminilidade.

Da mesma forma que pessoas do sexo feminino costumam ser socializadas como mulheres, pessoas do sexo masculino são socializados como homens. Connell e Messerschmidt (2013) extrapolam o tema ao definir que:

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular. (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250)

Assim, masculinidades (ou feminilidades) podem ser entendidas como um conjunto de comportamentos emitidos em contextos sociais que podem variar de acordo com o ambiente. Além disso, os indivíduos performam masculinidade ou feminilidade de acordo com o processo de socialização no qual são inseridos, processos esses que, comumente, são alinhados socialmente pelo sexo biológico dos sujeitos, mas que tem mudado a partir do letramento, de ações de movimentos feministas e pela luta pelos direitos LGBTQIAP+.

Dos homens, existem expectativas sociais sobre a masculinidade que reforçam traços de comportamento desejáveis para a comunidade no espaço e tempo no qual estão inseridos. Ou seja, ao longo do tempo as características desejadas na masculinidade mudam de acordo às necessidades e interesses da época, assim como mudam, também, de acordo com o grupo ou comunidade social, étnico ou racial no qual os indivíduos estão inseridos. (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 263)

1.1.2. Poder

As primeiras observações sobre a diferença entre o acesso ao poder social entre homens e mulheres aconteceu no final do século XIX pelas sufragistas, que foram mulheres brancas da alta sociedade que reivindicavam o direito ao voto e participação política às mulheres numa década em que o ambiente político era dominado exclusivamente pelos homens.

O livro “O Segundo Sexo” de Simone Beauvoir de 1949, além de discorrer sobre a definição de mulher, estuda as possibilidades pelas quais as mulheres foram colocadas em posições subalternas na sociedade. Ela cita o livro “A Origem da Família” de Engels (1884, *apud* Beauvoir, 2016):

Na Idade da Pedra, quando a terra era comum a todos os membros do clã, o caráter rudimentar da pá, da enxada primitiva, limitava as possibilidades agrícolas: as forças femininas estavam na medida do trabalho exigido pelo cultivo dos jardins. Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até certo ponto, duas classes; entre elas há igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica. Com a

descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro, com o aparecimento da charrua, a agricultura estende seus domínios. Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece: senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste "a grande derrota histórica do sexo feminino". (Engels, 1884, *apud* Beauvoir, 2016, p. 84)

A dominação masculina é explicada, dessa forma, como a dominação dos meios produtivos (terra), de outros homens (escravidão) e das mulheres (dominação de gênero). Estudos muito significativos que surgiram ao longo das décadas também mostram a dominação a partir do quesito raça.

Apesar de mulheres brancas da alta sociedade (como as sufragistas) serem impedidas de trabalhar nos meios produtivos e políticos, muitas mulheres negras foram escravizadas no mesmo período. Bell Hooks (2019), escritora negra norte-americana, traz em seu livro o discurso feito em 1851 por Sojourner Truth, a primeira escravizada a conseguir a condenação na justiça de um senhor de escravos. Nesse discurso Truth aponta para a hipocrisia dos homens ao assinalar fragilidade da mulher, em discursos que defendiam o não envolvimento feminino na política, enquanto ela, mulher negra escravizada, arava terra, plantava e colhia em terras de homens brancos. (Truth, 1851, *apud* Hooks, 2019)

A supremacia de determinados grupos sobre outros, no sentido de controle político, é explicada pelo conceito de hegemonia. Brunello (2007) explica que “Tornar-se hegemônico significa conseguir uma posição de supremacia na sociedade, passando a dominá-la através da força, das instituições do Estado e do governo político.” (Brunello, 2007, p. 01). Dessa forma, a postura masculina de controle institucional, dos meios de produção e política, pode ser entendida como hegemônica.

A hegemonia funciona também como criadora de modelos a serem seguidos. Se os homens brancos héteros acessam mais poder que outros em determinada comunidade, a sociedade no geral valoriza esses traços e os reforça no processo de socialização. O problema é que, enquanto os traços de masculinidade heterossexual são reforçados, os demais são desvalorizados, principalmente em posições de poder. Vandello e Bosson (2013, *apud* Souza et al., 2022) afirmam que

Os comportamentos dos homens, principalmente aqueles mais identificados com a masculinidade hegemônica, são frequentemente motivados por uma necessidade contínua de provar o status, afirmado um gênero masculino tradicional. Esse padrão pode ter implicações nas atitudes e comportamentos relacionados à violência sexista (Vandello; Bosson, 2013, apud Souza *et al.*, 2022, p. 02)

Os autores trazem também a questão da violência sexista. Violência essa que se baseia na discriminação por motivos de gênero e que é resultante da masculinidade hegemônica vivida há séculos pela maioria das sociedades. Assim, as consequências da hegemonia do gênero masculino são, muitas vezes, ligadas a violência, sejam elas físicas, morais ou psicológicas.

1.1.3. Movimentos de gênero

Os movimentos de gênero que lutam por espaço e poder social têm ganhado cada vez mais espaço nos tempos atuais. As conquistas alcançadas pelas mulheres vão desde acesso à educação até o direito ao voto. São séculos de luta que começaram com a conscientização feminina sobre seu estado de opressão. Bell Hooks (2018) explica que

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas. (Hooks, 2018, p. 23)

Apesar do feminismo ser muito associado somente à luta de mulheres, o movimento contemporâneo entende que a luta deve ser contra o sexismo. Hooks (2018) define o feminismo como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2018, p.17). A autora também afirma que a

Conscientização feminista para homens é tão essencial para o movimento revolucionário quanto os grupos para mulheres. Se tivesse havido ênfase em grupos para homens, que ensinassem garotos e homens sobre o que é sexismo e como ele pode ser transformado, teria sido impossível para a mídia de massa desenhar o movimento como sendo anti-homem. Teria também prevenido a formação de um movimento antifeminista de homens. (Hooks, 2018, p. 26)

O aparecimento de movimento antifeministas de homens é simultâneo ao início das discussões feministas no século XIX, e assim como o movimento feminista tem se aprimorado e modernizado, os movimentos antifeministas também seguem o fluxo da contemporaneidade a fim de atingir as novas pautas e novas gerações. Considerando que o feminismo tem como propósito luta contra a misoginia, movimentos antifeministas aceitam e propagam misoginia. Um dos exemplos de grupo antifeminista são os “masculinistas”.

Os masculinistas são homens de um movimento pautado na misoginia que se apoiam em ideias de supremacia masculina e que acreditam que o feminismo ameaça a integridade dos homens e o funcionamento social (Amato; Fuchs, 2022, p.80). Há uma grande culpabilização das mulheres por um sentimento de impotência e menosprezo em relação a masculinidade, sentimento esse resultante frente às conquistas sociais do feminismo. Cada vez mais os homens têm sido convocados a assumir suas responsabilidades frente às consequências da misoginia, tais como violência e desigualdade. Além disso, posições de poder têm sido distribuídas, gradualmente, de maneira igualitária entre gêneros, raça e sexualidade. Com isso, os grupos masculinistas se deparam com a perda da influência incontestável dos homens.

Há ainda diferenciações de grupos entre os masculinistas:

Eles [masculinistas] não são um grupo homogêneo e se subdividem em organizações que variam nas nuances de suas ideologias e alvos de seu ódio: incels (celibatários involuntários), homens de bem, homens sanctos, fathers for justice, movimento pelos direitos dos homens, para ficarmos em alguns exemplos. Apesar de suas particularidades, pode-se dizer que o ódio às mulheres é o elemento motor de suas existências, pois a elas é atribuída a culpa por eles se sentirem

rebaixados e menosprezados em sua masculinidade. (Amato; Fuchs, 2022, p.80)

Com a democratização da internet, é possível identificar diferentes grupos ao longo do tempo, já que a comunicação facilitada permite que indivíduos com os mesmos desconfortos (no caso dos masculinistas, as mulheres) se reúnem a fim de discursar e expressar seus sentimentos. Mesmo que haja leis e normas das redes sociais, os participantes desses grupos podem usufruir do véu de anonimato que o meio digital permite, passando muitas vezes impunes das consequências legais pelos seus atos infracionais como o discurso de ódio, por exemplo.

Amato e Fuchs (2022) expõe também que, apesar dos masculinistas possuírem atividade muito vasta nos meios *online*, os discursos e suas consequências extrapolam o meio digital e prejudicam a sociedade como um todo, principalmente mulheres e minorias.

O ódio contra as mulheres e outras minorias políticas ganham força e terreno no corpo social como um todo, atravessando indivíduos, instituições, políticas públicas, governos e nos debates públicos. Aparece, por exemplo, nos discursos que sugerem que a luta por direitos de determinados movimentos (LGBT+, feministas, antirracistas, entre outros) seriam, na verdade, privilégios concedidos a esses mesmos grupos, pela ruptura que suas existências acabam produzindo nos pilares hegemônicos da cisheteronorma, da branquitude e da corponormatividade. (Amato; Fuchs, 2022, p.81)

A maioria dos grupos masculinistas promove discursos da extrema-direita por defenderem uma sociedade capitalista neoliberal superconservadora. Muitas das consequências de violência social vividas atualmente já são associadas aos discursos da extrema-direita, como atentados em escola e diversas violências contra mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas não brancas. Amato e Fuchs (2022) apontam para o fato de que massacres e tiroteios, como os casos brasileiros, do massacre de Realengo em 2011 e de Suzano em 2019, com somatório de 20 vítimas, tiveram como ponto de organização grupos masculinistas online.

Analizando o caso de violência contra mulheres e outros grupos é possível identificar no relatório de 2023 realizado por Cerqueira e Bueno (2023), três hipóteses

são levantadas sobre o aumento da violência contra a mulher nos últimos anos: diminuição do orçamento público federal para políticas de proteção à mulher, aumento do conservadorismo político e a pandemia do Covid-19.

Sobre a primeira hipótese sobre a diminuição do orçamento público federal para políticas de proteção à mulher, é relatado que no governo Bolsonaro, de 2019 a 2022, o orçamento para políticas de enfrentamento à violência contra a mulher foi reduzido em 94%. A segunda hipótese sobre o aumento do conservadorismo político é explicada também pela ocupação da cadeira de presidência por Jair Bolsonaro, já que o ex-presidente representou o radicalismo político e conservadorismo ao reforçar valores do patriarcado o que “pode ter contribuído para impulsionar os atritos e a violência de gênero contra mulheres na sociedade”. (Cerqueira; Bueno, 2023, p.42) Por fim, a terceira hipótese sobre a contribuição da pandemia da Covid-19 para aumento da violência contra mulher é explicada, principalmente pelo isolamento, conflitos por maior convivência, aumento de separações e perda econômica das mulheres.

1.2. Aparato teórico Maffesoli

Desde o nascimento da Sociologia, na primeira metade do século XIX, os estudos sobre comunidade foram centrais para a compreensão social

Enquanto a sociedade diz respeito a um grupo maior de pessoas com relações impersonais ligadas por sistemas de leis, valores, cultura e território, comunidades são descritas como grupos menores de pessoas com relações próximas e afetivas que se unem por interesses. Com a digitalização das relações na era contemporânea, as comunidades não precisam mais ser ligadas por meios físicos e territoriais, há a possibilidade de se construir relações afetivas no meio *online*.

O conceito de “Tribos Urbanas” foi criado em 1985 por Michel Maffesoli (2018), sociólogo francês conhecido principalmente por seus estudos sobre comunidades contemporâneas. O autor representa um movimento que questiona a ideia abrangente e interminável de uma modernidade que levou os indivíduos de uma “pessoalidade comunitária a uma impessoalidade societária”. (Mocellim, 2011, p.122) Maffesoli (2018) sugere um declínio do individualismo nas sociedades de massa, atrelado ao retorno das características tribais à vivência das comunidades.

A massa, ou o povo, diferentemente de um proletariado ou de outras classes, não se apoiam em uma lógica da identidade. Sem um fim preciso, eles não são os sujeitos de uma história em marcha. A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada para representar dentro dele. (Maffesoli, 2018, p. 10).

Dessa forma o autor propõe descrever que a sociedade contemporânea possui tribos, semelhantes às comunidades emocionais descritas por Weber, nas quais há a possibilidade de os indivíduos assumirem sua identidade de acordo com seu papel social e/ou comunitário. As tribos e comunidades emocionais têm como característica “o aspecto efêmero, a ‘composição cambiante’, a inscrição local, ‘a ausência de uma organização’ e a estrutura cotidiana. (Maffesoli, 2018, p.20) As pessoas, nas comunidades emocionais, se reúnem no aspecto comunitário por laços emocionais, dessa forma acarretam laços sociais sólidos.

O retorno do tribalismo para a era contemporânea revela que, assim como as tribos antigas, as tribos atuais possuem suas próprias mitologias e rituais. Os mitos dizem a respeito sobre as histórias que os grupos contam sobre si, inclusive com a inclusão de heróis e vilões, e os rituais sendo sobre a forma de organização grupal. (Maffesoli, 2006, *apud* Mocellim, 2011, p. 123)

A respeito da identidade, as tribos possuem o sistema de identidade compartilhada, assim, seus membros somam sua individualidade à identidade comum aos membros do grupo. Essa partilha existe considerando que “o novo tribalismo, ao contrário do antigo, permite a integração em diversas tribos e o hibridismo de diversas identidades de grupo, que, juntas, compõem uma identidade individual”. (Mocellim, 2011, p. 123). Numa sociedade os diversos grupos coexistem uns com os outros, e os indivíduos coexistem em diferentes grupos ao mesmo tempo.

Compreende-se assim que os grupos masculinistas se encaixam no conceito das tribos contemporâneas ao se unirem por laços emocionais a respeito das crenças, ritos e mitos que seus participantes compartilham. Suas crenças giram em torno da supremacia masculina, tendo seus heróis como homens da política e figuras públicas que propagam suas ideias. Em relação a sua organização (seus ritos), é comum que os grupos se reúnam no meio digital e compartilhem seus ideais em fóruns ou

programas. Na sua vivência intrínseca social a outros grupos, é possível que a interação gere acordo ou embate. É comum o acordo dos grupos masculinistas com os grupos de extrema-direita, ainda mais considerando o intercâmbio dos membros entre os dois grupos. Já com grupos feministas, de direito das pessoas LGBTQIAP+ e de pessoas não brancas, o embate é quase sempre inevitável.

1.3. Mídia e podcast

A comunicação é uma das características sociais mais importantes; evoluiu junto ao ser humano e se desenvolve desde o período pré-histórico por meio da linguagem expressiva e oral, passando para as formas de comunicação escrita, pelos veículos de comunicação em massa, pelo telégrafo durante as guerras e finalmente pela internet e mídias digitais.

Assim, a mídia é uma forma de comunicação social em massa. Existem diversas formas que a mídia pode assumir como impressa, eletrônica, social, digital e de transmissão. Importante notar que diferente de todas as outras, a mídia social permite que haja interações instantâneas entre os indivíduos, enquanto os outros tipos de mídia se caracterizam por transmitir informações sem necessariamente envolver interações com o receptor da mensagem.

Todos os tipos de mídia desempenham um papel importante na transmissão de informações por utilizarem tecnologias que permitem o maior alcance de pessoas no menor tempo possível. Por isso são utilizadas em disseminação de notícias, educação, entretenimento e publicidade, podendo, como consequência, influenciar comportamentos, moldar percepções e desempenhar um papel importante no desenvolvimento cultural e político.

Muitos autores apontam para as complicações geradas pelas mídias como forma de comunicação em massa. Debord (1997) destaca, no livro "A Sociedade do Espetáculo" a sociedade moderna capitalista se fundamenta numa sociedade movida pelo consumo e pela espetacularização. Assim, a mídia teria papel fundamental na superficialização das relações humanas e na construção de uma imagem irreal e estereotipada sobre diversos fenômenos e objetos. O autor também elabora que a mercantilização da cultura promove uma busca incessante da imagem e da aparência em detrimento da realidade.

Uma forma de mídia digital é o Podcast, que consiste em episódios de áudio, e às vezes de vídeo, que são disponibilizados de forma online em plataformas ou em aplicativos. Essa forma de comunicação pode ser realizada tanto por indivíduos, quanto por grupos e instituições, abordando temas como política, notícias, entretenimento, educação, tecnologia, investigação entre outros. Além disso, os podcasts podem conter diferentes formatos como, por exemplo entrevistas, debates, monólogos, narrações de histórias e dramatizações. Os produtores também podem escolher a frequência de lançamento de episódios assim como sua duração. Por serem gravados, os ouvintes podem escolher quando e em que momento deseja ouvi-los. Dessa forma os podcasts são uma opção adequada de veículo de informações.

Uma pesquisa do IBOPE para CMI Globo em outubro de 2020 demonstrou que 57% dos brasileiros que se declararam consumidores de podcast começaram a consumir a mídia digital durante a pandemia, e os 43% que já ouviam antes do isolamento social disseram que o consumo aumentou em 31% naquele período.

Entende-se, portanto, que durante a pandemia houve um aumento notável do consumo de podcasts, e devido a sua facilidade de acesso como ouvinte ou produtor, os podcasts se popularizaram atualmente. Qualquer pessoa com acesso à internet e a um aparelho que capta áudio pode produzir um podcast. Ao mesmo tempo que essa facilidade democratiza a produção de conteúdo e o acesso à informação, ela também abre espaço para produção de desinformação e propagação de notícias falsas. Muitos grupos, como os dos homens masculinistas, têm se utilizado dos podcasts como veículo de propagação de discussões que promovem misoginia e discursos de ódio no geral.

Apesar de algumas plataformas de divulgação de podcasts terem regras e diretrizes contra o discurso de ódio, o controle sobre esses conteúdos se mostra falho, já que há ampla divulgação de conteúdos que se enquadram no ferimento das regras. Há ainda a questão de liberdade de expressão para a qual muitos dos grupos apelam quando enfrentados sobre seus discursos de ódio, no entanto, como demonstra Amato e Fuchs (2022) os grupos apelam pela liberdade individual menosprezando os direitos humanos no próprio argumento de liberdade:

O direito pela liberdade de expressão, em nosso país, faz alusão a uma luta decorrente de duas décadas de ditadura aqui vividas, na qual os pensamentos e práticas contrários ao regime eram censurados

previamente e/ou combatidos por perseguição e tentativa de aniquilação das pessoas opositoras. Contudo, a expressão dos atuais movimentos de extrema-direita no Brasil e no mundo recorre ao direito às liberdades individuais, subvertendo a perspectiva dos direitos humanos pelo uso de sua própria lógica. O limiar entre discurso de ódio e a liberdade de expressão, nesse sentido, confere novas fronteiras no entendimento da violência, pois coloca a liberdade - por consequência, irrestrita - como valor central da sociedade, não importando a qual custo ela venha a ser exercida. Sustenta-se, dessa forma, uma apropriação individualizante sobre viver o pacto social, sugerindo a possibilidade de que tais discursos possam ser investidos como um conflito de ideias, posicionamentos e visões de mundo. (Amato; Fuchs, 2022, p. 88)

2. MÉTODO

O método norteador deste estudo é o qualitativo. Segundo Valle e Ferreira (2024), a abordagem qualitativa é ideal para pesquisas com temas complexos cuja análise aborda “aspectos sociais, culturais, históricos e políticos nos quais se produzem materialidades empíricas” que serão analisadas levando em conta os sentidos manifestados pelo objeto de estudo. (Gattai; André, 2011 *apud* Valle; Ferreira, 2024, p.4)

Para compreender e interpretar as informações divulgadas em episódios de um canal de podcast masculinista denominado *redpill* brasileiro, utilizou-se do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977).

A seleção do podcast foi realizada por meio de pesquisas na plataforma “Youtube” sobre canais de podcasts cujos critérios de inclusão foram: ser abertamente misógino, possuir grande quantidade de inscritos, ter mais de 400 mil visualizações nos vídeos e que tratassesem de assuntos diversos.

A partir desses filtros, dois canais foram selecionados: “Redcast”, que se define como “O Podcast de Todo Homem Brasileiro”; e “Thiago Schutz”, um podcast no qual o apresentador comenta sobre masculinidade e realidade dos relacionamentos atuais. Entre os dois podcasts, após uma breve análise dos conteúdos apresentados nos episódios mais ouvidos do canal, que tratam sobre diversos assuntos pela perspectiva *redpill* o Redcast foi o escolhido.

O podcast Thiago Schutz foi excluído pois o conteúdo do canal era mais voltado a reação a outros vídeos de canais terceiros.

O canal Redcast possui cerca de 174 mil inscritos e 450 vídeos publicados até outubro de 2024. Antes da pesquisadora selecionar os podcasts a serem assistidos no canal, foi aberta uma nova conta no Youtube específica para analisar esses conteúdos, pois a plataforma utiliza de algoritmos para entender o “gosto” do usuário da plataforma para sugerir outros conteúdos, assim, caso a conta pessoal da pesquisadora fosse utilizada, poderia haver uma “contaminação” do algoritmo que recomendaria, por muito tempo, conteúdos misóginos.

Com a nova conta criada, o canal Redcast foi acessado. Como os podcasts possuíam duração média de duas horas, optou-se por analisar os cortes dos episódios realizados pelo próprio canal oficial do Redcast que possuíam até 30 minutos com destaque aos principais pontos das discussões levantadas nos episódios.

A filtragem dos cortes foi realizada escolhendo a visualização dos episódios em alta, essa opção da plataforma Youtube permite que os vídeos com mais visualizações do canal sejam mostrados em primeiro lugar. Assim foram selecionados dez (10) cortes de podcast com maior número de visualizações.

No total foram assistidos 82 minutos e 25 segundos de podcasts misóginos para análise. Para cada corte de podcast foram realizadas anotações sobre o conteúdo central do episódio, data de publicação, quantidade de visualizações e quantidade de curtidas.

3. RESULTADOS

Os episódios coletados possuem temáticas diversas, mas a essência do conteúdo é a expressão de descontentamento com o gênero feminino. Os episódios são listados a seguir mantendo-se o título original atribuído pelo próprio canal.

3.1 Episódio: “clima ficou tenso! Conservador faz pergunta difícil a feminista”

- 1º colocado da categoria “em alta”, no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 850 mil
- Data de publicação: 02/05/2024
- Quantidade de likes: 48 mil

- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=7KznhKunY6w&t=521s>
- Contextualização e descrição: dois convidados, um homem conservador e uma mulher que defende os conceitos feministas debatem o tema “aborto”. Primeiro há uma defesa da mulher ao direito ao aborto seguindo o argumento de que o feto não tem sistema nervoso desenvolvido até as primeiras dez semanas. O homem rebate o argumento dizendo que o conceito de vida é pessoa é filosófico, e que não podemos matar um feto por ele não ter capacidades mentais ou físicas, pois se ele [o homem conservador] aplicar uma anestesia nela, isso não o daria o direito de violar o corpo dela. Apesar da mulher mostrar que não há relação lógica entre a comparação feita pelo homem, o debate se estende para uma discussão filosófica sobre “quem somos nós para dizer quem é merecedor de direitos?”. O homem defende que ninguém tem o direito de dizer quem merece ou não viver. A mulher rebate que devemos pensar no que é mais lógico se salvar, um zigoto ou uma mulher. O Homem diz que não há sentido em discutir salvamento de vida em aborto, pois é uma situação em que todas as vidas poderão ser salvas, mas se fosse um caso de salvamento de vida, ele concorda que devemos salvar a mulher, pois é uma questão totalmente utilitarista.

No episódio apresentado observa-se alguns fenômenos recorrentes tanto sobre a forma de debate, quanto ao tema discutido por grupos misóginos.

Tanto a misoginia quanto o feminismo são ideias de diferentes conjuntos de tribos urbanas que coexistem socialmente. As interações entre as tribos são naturais e os debates de opiniões surgem organicamente. No entanto, o formato de debate no qual se seleciona um representante de cada tribo para debater um assunto, pode trazer à tona questões importantes relacionadas a estereotipia e retaliação. Para o episódio, foram convidados um homem para representar a visão conservadora (misógina) e uma mulher representante das visões feministas. No corte analisado, foram destacados os pontos argumentativos do homem contra o aborto e os pontos da mulher. No entanto, os argumentos do homem sempre se voltavam para uma tentativa de acusar a mulher de hipocrisia. Ele disse, durante o episódio, ser mais feminista que a mulher por ser a favor da vida de fetos mulheres, enquanto ela era a favor da morte de fetos. Essa tentativa de desmoralização e de julgamento de

“hipocrisia” pode ser observada em vários momentos da discussão principalmente em debates conservadores de homens misóginos.

O fato de o corte possuir mais de 800 mil visualizações, um dos mais vistos do canal, demonstra o alcance desse tipo de mídia em um assunto considerado socialmente polêmico. Os podcasts permitem uma proximidade do público com opiniões sobre temas muito diversos de fontes que podem ser divergentes das tribos frequentadas ou de sua própria. Mocellim (2011) escreve que

A Sociologia deve investigar a moralidade, que é sempre coletiva, mas, como esta apenas pode ser expressa na vida em grupo, a comunidade aparece como uma forma de apreensão do social, uma forma de ter acesso ao fenômeno da moralidade, que é o fenômeno mais estritamente social. (Mocellim, 2011, p. 117)

Dessa forma percebe-se o “conforto” que as tribos trazem aos seus integrantes ao representar um local seguro aos seus integrantes e seguidores de expressão de opinião e apoio, mesmo que em um ambiente online. Nos ambientes proporcionados pela tribo, os homens conservadores e misóginos podem apelar para argumentos de hipocrisia (mesmo que eles não possuam sentido lógico) e serem suportados por outros integrantes, que dão visualizações e *likes* como forma de apoio.

3.2 Episódio “Conservad0r x feminista sobre tr4nns nos esportes!”

- 2º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 642 mil
- Data de publicação: 03/05/2024
- Quantidade de likes: 53 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=dTfBMUUodyg>
- Contextualização: Recorte do mesmo episódio classificado em 1º lugar em relação as visualizações. Homem conservador debatendo com uma mulher que representa os pensamentos feministas. O Homem se intitula como o verdadeiro defensor das mulheres, pois diz que, defender que pessoas trans ocupem os mesmos espaços que as mulheres, significa ser contra as mulheres. A essência deste debate se deve ao fato do conservador se intitular o verdadeiro defensor das mulheres, e acusar a convidada de ser contra as mulheres por defender

que pessoas trans ocupem os mesmos espaços que as mulheres, mesmo que isso possa levar a violência. A discussão gira em torno da presença de pessoas trans em banheiros públicos e nos esportes, mas também sobre o que define gênero. Instigado pela convidada, o conservador lista as características que, para ele, classifica um homem: possuir cromossomos XY, possuir pênis, capacidade de penetrar as mulheres, maior capacidade física, maior quantidade de testosterona e maior capacidade pulmonar. As características femininas citadas por ele são: ter capacidade de gestar bebês e possuir cromossomos XX. Apesar da convidada rebater o argumento afirmando que existem tanto homens quanto mulheres biológicas que não possuem essas características, o homem continua argumentando contra a “ideologia de gênero”.

O corte apresentado faz parte do mesmo episódio do corte anterior sobre aborto. Novamente é evidente a forma de argumentação do homem ser voltada sempre para desmoralização da convidada mulher no podcast. O homem se diz defensor das mulheres por não aceitar a presença de mulheres trans em banheiros públicos. Além dele não reconhecer a transgeneridade e identidade das mulheres trans, há também um desconhecimento sobre fatores de violência contra a mulher. O Mapa da Violência de 2023 (Cerqueira; Bruno, 2023) demonstrou que a violência contra a mulher ocorre com maior frequência dentro de casa, tendo como agressor pessoas do sexo masculino conhecidas das vítimas.

Em relação a caracterização feita pelo homem no debate sobre as características definidoras de gênero, percebe-se a caracterização do homem dominante e da mulher geradora. Enquanto o homem é definido de acordo com suas características de força, penetração e falo, a mulher só é definida por sua capacidade de gerar bebês.

3.3 “Redflag! Se ela tem isso, fuja enquanto há tempo”

- 3º colocado na categoria “em alta” do canal no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 567 mil
- Data de publicação: há 5 meses.
- Quantidade de Likes: 32 mil

- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=nsuiqaEZW-q>
- Contextualização: No corte, a convidada lista características de mulheres que os homens devem evitar se relacionar. As características físicas que devem ser evitadas são tatuagens e unhas de gel; as características ideológicas a serem evitadas são mulheres que utilizam palavras como “machismo, toxico, patriarcado, lugar de fala e misógino” e de ideologista feminista ou contra religiões; já as características psicológicas a serem evitadas são mulheres que tem ausência do pai na infância, mulheres que sentem raiva e se ela diz que seus ex companheiros são ruins.

O tema desse episódio é sobre características que os homens devem prestar atenção em uma mulher de forma a decidir se deve se relacionar ou não com ela. Novamente, como no episódio anterior, são atribuídas características físicas às mulheres como forma de determinar seu valor sexual. O corte anterior demonstrava uma valorização dos aspectos cromossômicos XX e da possibilidade de gerar filhos; nesse corte reforça-se a estereotipação de mulheres que possuam algumas características físicas, ideológicas e psicológicas que as estigmatizam como briguentas, raivas e vulgares.

Importante notar que a convidada que dispõe essas características nesse episódio é uma mulher demonstrando que a misoginia não é um tipo de comportamento restrito aos homens; trata-se de um sintoma social que representa a ideologia conservadora.

3.4 Episódio “Pensam que acontece isso só em novela! | Luciana “detetive particular”

- 4º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 523 mil
- Data de publicação: 12/04/2022
- Quantidade de likes: 18 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=F-5jqjQ5pxo>
- Contexto: Corte de um episódio cuja convidada atua como detetive particular, e sua especialidade é descobrir casos de traição. O tema inicial é sobre o perfil de homens que as mulheres mais gostam de se relacionar. A convidada alega que há muitas mulheres traindo seus maridos com homens de "classes

"inferiores", principalmente pedreiros. A convidada afirma que as mulheres, atualmente, estão gostando de homens mais rústicos. Os *hosts* (entrevistadores) acham a fala engraçada, e concluem que isso refuta o movimento *redpill*, pois o movimento defende que mulheres são atraídas por homens mais fortes e com ascensão social superior.

A latência de temas sobre características desejáveis de homens ou de mulheres pode demonstrar o quanto há uma pressão acerca dos critérios de pertencimento de uma tribo. Mocellim (2011) destaca que esses critérios visuais e psicológicos defendidos dizem respeito a construção de identidade da tribo:

As tribos urbanas são múltiplas e variadas, cada uma com um código ético e moral. Cada tribo atribui, diversamente, sentido às suas ações e refunda uma tradição fundamentada no mito e em seus ritos. Essas tribos também orientam as identidades de seus membros. Ao se associar, o membro de uma tribo o faz com uma identidade partilhada e, dessa forma, não se trata apenas de uma identidade individual, mas de uma identidade comum à tribo a que pertence. (Mocellim, 2011, p. 123)

Com essas "regras" de conduta tanto para seus membros quanto para as pessoas com os quais os membros se relacionam, pretende-se manter a identidade "visual" do grupo. A criação de ritos e a defesa de valores permitem que se perpetue e divulgue amplamente as características desejáveis para determinada tribo.

3.5 Episódio: "A gente seguiu ele por 10 dias! | Luciana "detetive particular" | RedcasT"

- 5º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 496 mil
- Data de publicação: 09/04/2022
- Quantidade de likes: 14 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=Jktuzh7E2TA>
- Contextualização: Corte de um episódio cuja convidada é detetive particular, e sua especialidade é descobrir casos de traição. Em dado momento, um dos *hosts* faz a seguinte o questionamento: "Qual o seu maior público? Homens

querendo saber se estão sendo traídos, ou o inverso?". A convidada alega que a maior busca é de homens querendo saber se estão sendo traídos, o que surpreende os entrevistadores.

A convidada no episódio desse corte é a mesma do corte apresentado anteriormente. Nota-se a surpresa dos entrevistadores com a resposta da detetive sobre o maior público dela serem homens querendo saber se estão sendo traídos, o que demonstra uma insegurança não reforçada na tribo dos *redpill*.

3.6 Episódio: "Pablo Marçal jantou jornalistas Petistas da UOL!"

- 6º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 447 mil
- Data de publicação: 12/07/2022
- Quantidade de likes: 28 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=pzjGIOwRSek>
- Contexto: Corte tirado de uma "live" sem convidados, onde o apresentador reage a vídeos e notícias relevantes para seu público. O apresentador reage a uma entrevista de Pablo Marçal, do então candidato a prefeito de São Paulo, veiculada no grupo UOL. O vídeo reagido inicia com três jornalistas mulheres questionando Marçal se ele tinha alguma retaliação por ter contratado sua própria empresa aérea para se locomover durante sua campanha à Prefeito mesmo que o dinheiro tivesse vindo de recursos próprios e de um sócio. Pablo Marçal responde que não havia o que temer, pois não cometera crime algum e que, inclusive, o dinheiro usado não tinha vindo dos cofres públicos. O apresentador elogia o tom que o Pablo conversa com a mídia. diz que a mídia, os sites esquerdistas como a UOL e Folha precisam ser desmascarados.

Identifica-se nesse episódio do podcasts uma relação mais direta entre as tribos misóginas e as tribos conservadoras de extrema-direita. Pablo Marçal é um empresário brasileiro muito conhecido por sua campanha para cadeira de prefeito de São Paulo no ano de 2024. Marçal propagou ideias neoliberais em seus cursos antes de entrar para a política e, também, durante sua campanha, demonstrando que suas propostas estavam muito alinhadas às propostas direitistas conservadoras.

Esse corte remete novamente ao conceito do tribalismo que considera a realidade de multiplicidade de tribos e identidades coexistindo socialmente, onde cada indivíduo pode ser parte e representar mais de uma tribo ao mesmo tempo, como pontuado por Mocellim (2011):

Participando de uma multiplicidade de tribos, as quais se situam umas em relação às outras, cada pessoa poderá viver sua pluralidade intrínseca; suas diferentes “máscaras” se ordenando de maneira mais ou menos conflitual, e ajustando-se com as outras “máscaras” que a circundam. Dessa forma, as diversas pessoas “passeiam” pelos grupos, e os grupos cruzam-se todo o tempo. Em uma metrópole moderna, a situação com que se depara é de uma heterogeneidade que, para além de um isolamento de grupos em seus próprios valores e estilos de vida, permite sua interlocução por intermédio de indivíduos que integram vários grupos simultaneamente. (Maffesoli, 2006 *apud* Mocellim, 2011, p. 123).

Por isso, a interseccionalidade de pertencimento a diferentes tribos é possível para pessoas misóginas. Mas, considerando a formação e identidade e todos os critérios já apresentados pelo grupo sobre as características de seus membros, há maior paralelismo entre o conservadorismo da extrema-direita e misoginia.

3.7 Episódio: “Querem te castrar, e você ainda gosta”

- 7º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 434 mil
- Data de publicação: 12/05/2022
- Quantidade de likes: 26 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=Jmu0lzZyZqk>
- Contextualização: Corte de episódio com *hosts* e três convidados debatendo sobre comportamento masculino. O corte começa com os *hosts* perguntando aos convidados o motivo pelo qual os homens estão "Mais devagar" atualmente, pois na concepção do apresentador, antigamente os homens tinham mais coragem de chegar nas mulheres e as conquistarem. Um dos convidados diz que atualmente está ocorrendo uma homosexualização dos

homens. E a mídia atual está impregnando que qualquer homem que não tenha comportamentos homossexuais está pensando de forma "quadrada". Ele continua dizendo que a alimentação e baixa atividade física estão diminuindo o nível de testosterona nos homens. Atualmente, há homens que choram com xingamentos e comentários em redes sociais. Ele alega que existem leis que "feminilizam" o homem, mas se ele disser que a mídia feminiliza o homem, amanhã terá a polícia na porta dele prendendo-o por ser homofóbico. São leis que estão "fudendo a masculinidade". Todos estes fatores levam a degeneração da sociedade, segundo o convidado. Ele continua listando motivos: mulheres homossexuais, bissexualidade etc.

Nesse corte, nota-se novamente a caracterização do "homem ideal", pelo podcast. Entende-se a masculinidade muito ligada a traços descendentes a testosterona, hormônio esse encontrado em todos os seres, independente do sexo. A hipervalorização da testosterona é sintoma de uma necessidade arraigada de performance de ultra masculinidade. Qualquer comportamento considerado "frágil" é associado a uma "feminilização" do sujeito. Sendo assim, a feminilidade só é aceita quando demonstrada por mulheres, que pela teorização misógina, já é frágil por natureza.

O convidado supracita traços de sexualidade divergentes a heterossexualidade como "culpados" pela perda de vitalidade do homem atualmente. No entanto, essa vitalidade é ligada a questões de performance sexuais que escalonam para uma "degeneração social". Ou seja, para o convidado, o homem com menos status social de poder seria considerado sinônimo de crise social. Nesse caso, essa perda de poder da masculinidade hegemônica significaria ganho de espaço para grupos de mulheres, pessoas negras e LGBTQIAP+.

3.8 Episódio: "O hom3m perde a m#lh3r de car4 quando faz isso... | An4 otan1 | Redcast"

- 8º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 428 mil
- Data de publicação: 10/06/2022
- Quantidade de likes: 12 mil

- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=ACQXfXeceAE>
- Contextualização: Corte de episódio com dois *hosts* e uma convidada que é mentora de relações sexuais. Eles discutem sobre como a masculinidade atrai as mulheres. A convidada alega que os homens estão perdendo a prática da conversação. Eles ficam a maior parte do tempo na internet e não saem de casa, e por isso não desenvolvem a lábia para conquistar as mulheres. Eles chegam à conclusão de que os homens não querem mais os riscos e evitam a rejeição. Um dos *hosts* alega que os homens "amortecem a rejeição" com conteúdo sexual e masturbação.

A performance sexual é um tópico recorrente nas discussões sobre masculinidade. Pelos discursos apresentados infere-se que uma grande potência sexual e controle são características valorizadas e esperadas dos homens masculinistas.

3.9 Episódio “A honradinha tinha um segredinho sujo...”

- 9º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 427 mil
- Data de publicação: 30/05/2022
- Quantidade de likes: 11 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=8JUV07IeciU>
- Contextualização: O *host* conversa com um convidado sobre uma experiência de uma relação frustrada. No episódio também há um convidado que apoia a conversa com conhecimentos sobre as leis. O convidado começa relatando que sua ex-namorada solicitou que ele a sustentasse, pois ela gostaria de ser uma mulher "do lar". Ela alegava ser super religiosa e seguia os valores conservadores. Aos poucos, ela começou a confessar para ele que ela não era virgem, tinha um ex-noivo recente e possuía um perfil na plataforma Fatal Model (aplicativo de contratação de garotas de programa). O convidado conta que, em dado momento, pediu o fim da relação. Ela não quis o término e se recusou a sair da casa dele. Então, ele chamou a polícia. A polícia foi à casa dele e o orientou a desistir da ocorrência, pois caso a então namorada alegasse que ele teria levantado a voz para ela, a polícia teria de o expulsar de sua

própria casa e ela teria 2 dias na casa dele para quebrar tudo o que ela pudesse. Então, o segundo convidado começa a discorrer sobre a Lei Maria da Penha e sobre suas definições de violência. Ele diz que a lei Maria da Penha é desigual, pois caso uma mulher quebre um carro do homem, ele não terá nenhum tipo de proteção.

Uma das pautas *redpill* é que, para eles, a lei e os processos jurídicos são criados para prejudicar a vida dos homens e favorecer as mulheres e outros grupos pouco apreciados por eles. O aumento de influência das mulheres no poder social gera muito desconforto aos homens, há uma grande relativização da violência e incompreensão dos processos de proteção a grupos historicamente oprimidos. Como é possível observar em outros cortes utilizados nesse estudo, é comum que situações específicas e individuais sejam levantadas frequentemente como forma de justificar todo um movimento de ódio.

3.10 Episódio: "Sacani abre o jogo sobre debate com super Xandão"

- 10º colocado na categoria "em alta", no dia 27/10/2024
- Quantidade de visualizações: 404 mil
- Data de publicação: 19/09/2024
- Quantidade de likes: 11 mil
- Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=SCHgdxwpcZY>
- Contextualização: Corte de episódio em que os participantes conversam sobre a teoria de que a terra é plana. O principal convidado é geofísico formado pela USP. Ele constata que a teoria da terra plana é estritamente religiosa. Ele diz que é impossível debater com um terraplanista sem que a discussão bata na bíblia e, neste momento, é impossível continuar um debate. O segundo convidado complementa, dizendo que acredita na bíblia e nem por isso defende a terra plana.

No corte nota-se um movimento de divergência de tribos. O exemplo do segundo convidado é interessante para observar justamente as intersecções de tribos. Apesar de ele ser de uma tribo religiosa (acreditando na bíblia), ele não se considera

da tribo terraplanista (negacionista). Dessa forma, cita-se novamente a possibilidade de interação tribal na formação de identidade.

4. CONCLUSÕES

A análise de conteúdo realizada por esse estudo, permite analisar um recorte dos discursos misóginos veiculados pela mídia digital contemporânea. Compreender o momento sócio-histórico no qual essa pesquisa foi realizada é importante para avaliar a interpretação e relevância dos temas apresentados.

Apesar da distância geográfica, as comunidades masculinistas podem se identificar no conceito de tribo de Maffesoli (2018), já que, com as facilidades digitais da internet, os indivíduos podem se identificar uns com os outros compartilhando suas opiniões. Além disso, notamos como os membros dos grupos masculinistas presentes nos cortes dos episódios do podcast analisado, possem papéis diferenciados nas discussões, mas que pregam por uma identidade grupal.

Os cortes com maiores quantidades de visualizações do canal, sempre abordam temas polêmicos como por exemplo aborto, identidade de gênero, sexualidade e política. Discutir esses temas de maneira mais enfática, além de trazer mais visibilidade para o canal, contribui para a formação identitária dos membros do grupo.

Outro aspecto importante observado durante a análise foi o discurso que ultrapassa, em vários momentos, a linha tênue da liberdade de expressão em comparação ao discurso de ódio. Exemplo disso são os episódios que destacam as características renunciais das mulheres. Para os apresentadores, uma mulher que possui tatuagens perto de regiões íntimas, ou que possui unha em gel, são consideradas promiscuas e “baraqueiras”, ou seja, que brincam demasiadamente por motivos pequenos. Apesar desse exemplo parecer inofensivo, gera intolerância e demonstra preconceito contra as mulheres, incitando a discriminação.

A intolerância e a discriminação são combustíveis para ações mais violentas e extremistas contra os grupos que sofrem com o discurso de ódio.

Discurso de ódio é uma manifestação de intolerância, preconceito ou menosprezo contra grupos sociais específicos, com o objetivo de incitar a violência e a discriminação.

REFERÊNCIAS

- AMATO, Bruna; FUCHS, Jéssica Janine Bernhardt. Discursos de ódio de gênero e subjetivação: articulações entre masculinismo e extrema-direita. **Violência e Gênero: análises, perspectivas e desafios**, Brasil: Editora Científica Digital, ed. 1, ano 2022, n. 6, p. 77-92, 29 dez. 2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2016.
- BRUNELLO, Yuri. Hegemonia. **Mais definições em trânsito**, Bahia: UFBA, ano 2007, p. 1-8, 18 jun. 2007.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>
- CONNELL, R. W. **Masculinities**: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, p. 241-282, jan. 2013
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- LIMA-SANTOS, A. V. D. S.; SANTOS, M. A. D. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s. l.], v. 3, p. 1081-1102, 2022.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.
- MOCELLIM, Alan Delazeri. A comunidade: Da sociologia clássica à sociologia contemporânea. **PLURAL**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 105-125, 2011.
- SOUZA, C. V. B. S.; LIMA, M. E. O.; FERREIRA, D. C. S. Concepções de masculinidade hegemônica como mediadora do sexismo direcionado às mulheres. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 39, p. 1-12, 31 mai. 2022
- VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. D. L. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: Contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. Scielo: Preprints, [s. l.], p. 1-26, 2 jan. 2024.